



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/ernestina-ou-cenas-da-vida-contemporanea>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2023 by Asa da Palavra. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Apresentação

Jhonnata dos Santos N. da Conceição

Entre muitas possibilidades, uma alternativa: a motivação desta escrita

Esta introdução não abordou a narrativa de *Ernestina ou cenas da vida contemporânea*, mas de como ela se tornou um livro, com o intuito de desconstruir o imaginário de que um livro nasce puramente da genialidade do autor, no nosso caso, da autora. Tudo começou com a postura teórico-política de resgatar obras em prosa ficcional do século XIX que não estavam em circulação. Tomando isso como pressuposto, criou-se uma dificuldade: pensar além do que está posto e nos lugares em que esses textos ficcionais estão postos. Pois, se eu partisse da história literária contada nos livros canônicos, essa edição de *Ernestina ou cenas da vida contemporânea*, de Gabriella de Jesus Ferreira França, não seria possível.

É aí que reside parte do poder do cânone, ao criar um imaginário sobre um determinado período, que, muitas vezes, aceitamos sem questionar, acreditando que ele contém tudo o que há para ser lido, como se os acontecimentos tivessem sido uniformes e lineares como apresentados nas histórias literárias. Nos estudos da linguagem, especificamente nos Estudos Literários, muitas coisas ainda precisam ser redescobertas, caro leitor, e a forma como isso é feito e por que em determinado período e não em outro é o que caracteriza uma pesquisa que produz um avanço no conhecimento.

A redescoberta de Gabriella de Jesus Ferreira França não aconteceu por meio de uma breve pesquisa no *Google* ou da leitura de uma lista de “autoras esquecidas” que costumam pipocar nas manchetes jornalísticas contemporâneas. Seu renascimento aconteceu a partir da leitura do periódico *Cidade do Salvador* (BA), de 1898, disponibilizado e digitalizado pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Nesse mesmo ano, o periódico baiano publicou em folhetim *Maria do Patrocínio ou Patrocínio de Nossa Senhora e Ernestina ou cenas da vida contemporânea*, sob o pseudônimo de “Por uma fluminense”. Quem seria essa fluminense?

Guiado por essa pergunta, identifiquei a escritora na *Cronologia da prosa de ficção*¹ publicada no Brasil durante o século XIX, elaborada

pela Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales em sua pesquisa de doutorado, orientada pela Profa. Dra. Márcia Abreu em 2004. Nela, constavam três obras de Gabriella de Jesus Ferreira França: *Maria do Patrocínio ou o Patrocínio de Nossa Senhora* (1879), *Contos brasileiros: livro de Antonico* (1881) e *Ernestina ou cenas da vida contemporânea* (1884). Tanto *Maria do Patrocínio* quanto *Ernestina* foram publicadas em periódicos, enquanto *Contos brasileiros: livro de Antonico* foi editado em volume, cuja terceira edição foi digitalizada pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo (USP).

As outras duas obras da escritora também circularam primeiro no formato livro, saindo da tipografia Salesiana, do colégio de Artes e Ofícios em Santa Rosa, Niterói-RJ, conforme informado pela *Gazeta de Notícias* (RJ)² em 1888. Isso já nos revelava um movimento editorial pouco convencional para o período, pois, geralmente, os romances saíam primeiro no formato de folhetim e, conquistado o público, ganhavam uma edição impressa. Entretanto, essas edições se perderam no tempo.

Escolhi resgatar *Ernestina ou cenas da vida contemporânea*, publicado em volume, em 1884, e em folhetim, em 1898, no periódico *Cidade do Salvador* (BA), devido à sua qualidade material, uma vez que se encontra completo e sem rasuras nesse mesmo jornal. Diferentemente, em

Maria do Patrocínio ou O Patrocínio de Nossa Senhora, de 1879, faltam partes significativas para o entendimento da narrativa, o que impossibilita uma transcrição completa do romance.

Em suma, a motivação desta edição surge de uma postura teórico-política ao escolher colocar em circulação o texto de uma escritora oitocentista, apagada pelas histórias literárias. Surge também do desejo de recolocar em circulação uma mulher escritora e não um homem escritor, para não contribuir com o “memoricídio” da autoria feminina³ de Gabriella de Jesus Ferreira França.

Quem foi essa escritora?

Contar quem foi Gabriella de Jesus Ferreira França (?-1911) é lidar com os fragmentos do passado, pois sequer a data de seu nascimento é conhecida. Não se tem disponível uma biografia sobre ela ou mesmo um trabalho de cunho mais acadêmico, como um artigo científico ou uma dissertação. É nesse mar nebuloso que o leitor, interessado em saber quem é a “dona” dessa história, se encontrará. Aqui, ofereço um bote para que não se afogue. Assim, as informações apresentadas neste texto partem da interpretação de fontes primárias disponíveis sobretudo em periódicos da época, isto é, notas de falecimentos, anúncios de livros, notas de recebimento e

notícias de doações, além da participação da autora em eventos religiosos. Para que tenha sua própria interpretação e, se for do seu interesse, verifique essas fontes em sua materialidade, deixo como *hiperlink* o acesso aos dados.

Objetivamente, Gabriella de Jesus Ferreira França foi uma professora de francês, inglês, espanhol e italiano, além de ser literata brasileira e devota da educação e do catolicismo. De acordo com a [*Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*](#),⁴ pertencia à família dos Françaes que teve como patriarca Dr. Antonio Ferreira França que, durante o Brasil Império, atuou como representante da província da Bahia na Constituinte de 1823, na Corte de Lisboa. Ele teve três filhos e a escritora descendeu de seu filho mais novo, Dr. Ernesto França, que era juiz e amante das Belas-Letras. A importância dessas informações breves, encontradas no documento sobre a família França, residiu no fato de a escritora ser a única mulher da família citada na posteridade, devido à sua atuação literária em vida.

Entendida como uma escritora da moral, ela dedicou suas obras à educação dos jovens e das moças de sua época, impulsionada pela sua devoção à religião. Foi uma das fundadoras do asilo Bom Pastor na cidade de Niterói, local que abrigava idosos e crianças órfãs. Além disso, seu livro *Contos brasileiros: livro de Antonico*, publicado em 1881, foi aprovado pelo Ministério do

Império para ser utilizado como livro de leitura na 1ª série das escolas públicas de ensino primário, como pode ser verificado no periódico *Jornal do Commercio* (RJ).⁵ As informações às quais tive acesso levam a crer que Gabriella de Jesus Ferreira França não teve filhos nem marido, pois nas notas sobre seu falecimento e nas missas realizadas em sua homenagem não são mencionados filhos, marido ou viuvez como atributos para identificá-la aos leitores do jornal, o que era comum nesse tipo de texto.

É importante ressaltar que essas informações são apenas hipóteses sobre a vida da escritora. Para corroborá-las, seria necessário ter acesso ao atestado de óbito ou à certidão de nascimento, ou algum documento semelhante, o que não foi possível até o momento. Fica o convite para que aqueles que possam se dedicar a buscar essas informações possam contribuir para ampliar o conhecimento sobre a vida da escritora.

Anuncia-se: *Ernestina* em seu contexto e circulação

Das três obras da autora, aquela sobre a qual se tem mais informações é *Contos brasileiros: livro de Antonico*, na medida em que se encontram diversos anúncios e requerimentos para compra de exemplares nos periódicos digitalizados e disponíveis na Hemeroteca Digital

da Biblioteca Nacional, no período entre 1850 e 1899. Em relação a *Ernestina ou cenas da vida contemporânea*, eu localizei três anúncios, publicados em 1888, acerca do recebimento de um exemplar do romance, que nos permitiram discutir alguns aspectos de sua circulação e de seu contexto de publicação.

No jornal *O Fluminense* (RJ),⁶ foi publicado o seguinte “Recebemos um volume da obra *Ernestina ou scenas da vida contemporânea*, impressa com nitidez na officina dos Revms. padres Salesianos. Agradecemos”. No mesmo dia, no jornal *O Apostolo: periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade* (RJ)⁷ publicou:

Recebemos um exemplar do interessante romance — Ernestina ou scenas da vida contemporânea, escrito por D. Gabriela França, uma das mais inteligentes e illustradas senhoras de nossa sociedade, e publicado no collegio dos Salesianos. É um dos melhores romances que se têm publicado entre nós, quer por suas **scenas naturaes, quadros bem descriptos, linguagem fácil e amena, quer pela mais escrupolosa moralidade**. É, sem dúvida, um livro de honra a bibliotheca de qualquer senhora que se dê à literatura. Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido. (Grifo meu)

Ambos os trechos revelavam, inicialmente, uma estratégia editorial da época, conforme mencionado por Ozângela de Arruda Silva em

sua dissertação de mestrado intitulada *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*, de 2009. No terceiro capítulo, intitulado “Tecendo os fios: a produção editorial e conexões comerciais no século XIX”, a autora comenta que tais recebimentos não eram simplesmente doações por parte dos editores, e sim uma forma de difusão, pois os jornais já exerciam um papel ativo na divulgação e circulação de ideias. Ao pensar na relação entre autor, editora, livro e público, o jornal “integrava-se às redes de sociabilidade do editor, apresentava as obras para seus leitores e procurava se legitimar como ‘leitor-crítico’, apto a indicar leituras”.⁸

Esse intuito de legitimação se expressou no trecho em **negrito** na citação, em que preceitos avaliativos próprios da retórica foram utilizados para a apreciação da obra. Há também outros modos de valoração, uma vez que o jornal fez um breve elogio à autora, um comentário ao livro e sugeriu até mesmo o público ao qual a obra se destinava. Constitui, portanto, na leitura de Gilberto Freyre, uma “oferta pública” com intenção de

atrair, prender, absorver a atenção do leitor de jornal, de modo especial: com objetivos práticos e imediatos, através de palavras capazes de conquistar o leitor para o anunciante ou para o objeto anunciado, à revelia de compreensão do

assunto ou de reflexão sobre o mesmo objeto da parte do leitor sugestionado. Objeto que tanto pode ser um tipo de calçado, como um tipo de vinho, um cavalo ou uma casa.⁹

Os anúncios em jornais e as informações sobre o editor de *Ernestina* também forneceram pistas sobre o contexto de produção da obra, revelando um circuito pedagógico já que a editora pertencia ao colégio Artes e Ofícios em Santa Rosa-Niterói (RJ). Arrisco-me a dizer que ela também desempenhava, não exclusivamente, o papel de livraria, porque o livro anterior da escritora, *Contos brasileiros: livro de Antonico* (1881), também tinha sido vendido na tipografia Salesiana. Cabe mencionar que, nesse mesmo período, já havia um número diverso de livrarias como a Livraria Econômica, de Serafim José Alves, a Livraria Popular, de Cruz Coutinho, a Livraria do Povo, de Pedro da Silva Quaresma, a Livraria Garnier, entre outras, o que contribuiu para o processo de barateamento dos preços dos livros.¹⁰

Na mesma página em que se tinha a nota de recebimento de *Ernestina* em *O Apostolo* (RJ), era anunciado *O Coruja*, de Aluísio de Azevedo, editado por B. L. Garnier, que na época, em paridade com Laemmert, eram os editores de maior prestígio.¹¹ Para o leitor de nossa época, é possível ter um rápido acesso a informações sobre a vida e a obra de Aluísio de Azevedo, enquanto sobre Gabriella de Jesus Ferreira França é ne-

cessário lidar com fragmentos do passado para se ter um mínimo de entendimento sobre quem foi a autora. E pensar que, em um momento da história, os títulos da obra de ambos dividiram a mesma página do jornal.

Esses anúncios estiveram relacionados à versão em livro de *Ernestina*, não se tratava, portanto, da publicação em folhetim, que ocorreu somente em 1898 no jornal *Cidade do Salvador* (BA)¹², sob o pseudônimo de “Por uma fluminense”, como mostrava o seguinte anúncio sobre a futura publicação do romance em folhetim no jornal:

Ernestina. É este o título de nosso folhetim, cuja publicação iniciaremos na próxima semana. Ernestina ou Scenas da vida contemporânea é uma segunda obra de uma distinta escritora, cuja modéstia não permite revelar seu nome, apenas nos permite saber que é uma escritora fluminense.

No Rio de Janeiro, na primeira circulação do livro, não houve uso do pseudônimo. Uma hipótese para tal recurso por parte do periódico é a da contrafação, ou seja, a publicação sem autorização do autor e sem pagamento de direitos autorais, o que era algo comum nesse período, principalmente com obras estrangeiras, traduzidas diretamente do original ou reproduzidas a partir de outras traduções, como a tradução portuguesa. Isso pode ter acontecido com a prosa

de Gabriella de Jesus Ferreira França, mas seria preciso realizar uma pesquisa mais aprofundada para comprovar a hipótese.

Perceba que não se tratava de anúncios com o objetivo de vender o romance, tanto que não se apresentava seu valor, um aspecto que hoje não fugiria aos nossos olhos na hora de comprar um livro. Infelizmente, caro leitor, não consegui verificar por quanto foi vendido *Ernestina*. Em contrapartida, localizei o valor de *Contos brasileiros: livro de Antonico*, vendido por 1\$500 réis¹³. Segundo El Far¹⁴, “na década de 1880, o preço cobrado por um livro em formato de brochura variava entre cem réis (\$100) a 1 mil-réis ou 2 mil-réis, conforme o número de páginas, o tratamento editorial e o gênero em questão”. Desse modo, o preço de *Contos brasileiros: livro de Antonico* era viável para os trabalhadores especializados, já que “um ferreiro[...] recebia, em 1888, 3\$333, por diária de serviço, ao passo que um trabalhador não especializado ganhava em torno de 1\$ 400 réis”.¹⁵ Portanto, a edição de *Ernestina* pode ter sido vendida por um valor aproximado ao da sua segunda obra, mas isso também é incerto.

Pela inspiração ou pelas contas? O viver da pena de Gabriella de Jesus Ferreira França

Além do preço do livro, foi importante pensar na remuneração da escritora, principalmente, no final do século XIX, um período de lutas para a consolidação dos direitos autorais e contexto contemporâneo à produção literária de Gabriella de Jesus Ferreira França.

Para se ter uma ideia das condições de produção do texto literário do século XIX, é interessante ter em mente que José de Alencar (1829-1871) foi uma figura importante no cenário oitocentista, mas não somente como um grande escritor do romantismo, como se aprende nos livros didáticos de literatura. Enquanto deputado pela província do Ceará e como ministro da Justiça, Alencar apresentou um projeto legislativo para proteção da propriedade intelectual – ele havia tido grandes aborrecimentos, pois, em 1857, sua obra *O Guarani* tinha sido publicada no Rio Grande sem sua autorização e ele também tinha preocupações financeiras sobre como ficariam seus herdeiros após sua morte.¹⁶ O projeto não foi aprovado, mas sinalizava que, em meados do século XIX, a contrafação e a falta de direitos sobre a propriedade intelectual, principalmente a literária, preocupavam escritores, tais como Aprígio Guimarães, Adolfo Caminha,

Bernardo Peixoto, Camilo Castelo Branco, entre outros, como se lê no artigo *A profissionalização dos escritores no século XIX*.¹⁷

Portanto, no cenário literário no qual Gabriella de Jesus Ferreira França iniciou sua carreira literária, esperava-se remuneração pela criação literária. Isso não significava dizer que sua produção estava voltada para o “viver da pena”, já que, como retratado na *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil (RJ)*, de 1924, a escritora era de uma família com poder político e aquisitivo, composta por magistrados, deputados, juízes e médicos. Nesse sentido, foi possível supor que Gabriella de Jesus Ferreira França não escreveu seus livros com uma preocupação financeira. A seguinte notícia publicada pelo *Jornal do Brasil (RJ)* em 1896 sustentou esse pensamento:

Damos com maior prazer publicidade à seguinte carta que nos foi enviada de S. Paulo, tanto mais quanto nela se faz justiça a distinta senhora, cujo nome involuntariamente omitimos em notícia que há dias inserimos sobre o asilo do Bom Pastor: ‘Sr. redactor. — Cumprimentando a v. peço permissão para oferecer mais um aditivo ao espaço histórico do Asylo do Bom Pastor, no Rio de Janeiro, que talvez fosse omitido pela grande modéstia que da parte do principal fundador existe.’

Como gosto de dar a Cezar o que é de Cezar, declaro que, se não fosse devido a grandes esforços da Exma. Sra. D. Gabriella de Jesus Ferreira França, com certeza ainda hoje não existiria no Brasil tão humanitária instituição que, para conseguir esse fim, fez ella a doação de 25:000\$000 de sua pequena fortuna. Pelo amor à justiça, peço averiguar o facto e depois verá v. que foi grave a omissão e que não poderá deixar de ser conhecido na história desse asylo.

Agradecendo a consideração que tomar nessa notícia, sou de v. sincero admirador, —J.M. J

Outro argumento a favor da ideia de que Gabriella de Jesus Ferreira França não tinha preocupações financeiras é o fato de ela ter pouca participação na imprensa periódica, pois sabemos que os jornais davam uma melhor remuneração pelos escritos em comparação ao valor pago pelas editoras da época.¹⁸ Escritoras como Julia Lopes de Almeida e Maria Benedita Bormann, possivelmente, possuíam maior preocupação com a remuneração por meio da escrita, pois têm maior presença em periódicos da época do que França.

Os livros rendiam menos do que a publicação em periódicos, mas também traziam algum retorno financeiro para seus autores. Podemos pensar, por exemplo, na remuneração de escritores como Machado de Assis que, segundo Alexandra Santos Pinheiro, no seu capítulo de

livro intitulado “Entre contratos e recibos: o trabalho de um editor francês no comércio livreiro do Rio de Janeiro oitocentista,” “em 1881, ele recebeu 600\$000 mil reis pela venda de 470 exemplares de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e, em 1882, recebeu 950\$000 mil réis pela edição de *Papéis avulsos* com tiragem de 950 exemplares”.¹⁹

Como mostrado no trecho acima, em 1896, Gabriella de Jesus Ferreira França fez uma doação de 25:000\$000 réis para o asilo Bom Pastor. Sabendo que com 4.400\$000 era possível comprar uma chácara),²⁰ tem-se uma escala do que seria possível fazer com o dinheiro doado pela autora na época.

Livros que vendiam muito nesse período eram os romances sensacionais, que tinham o objetivo de atrair um público maior de leitores, indo além do público restrito ao pensamento erudito do texto literário consagrado. Dessa forma, utilizavam-se temáticas que tinham repercussão na época, como a chegada do bonde elétrico, os automóveis, incêndios causados pela energia elétrica nas cidades, o surgimento de ruas largas, casos de corrupção, em suma, temas polêmicos para os leitores de jornais.²¹

Já nas duas últimas décadas do século XIX, a pesquisadora Alessandra El Far, no seu livro *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro* (2004), destacou os romances *Elzira, a morta virgem* (1883), de

Pedro Vianna, *Maria, a desgraçada* (1898), de Alfredo Elisiário da Silva, e *Casamento e mortalha* (1898), de Júlio César Leal, que tiveram mais de uma edição e grande repercussão na época de publicação e nos anos posteriores, como mencionou a seguinte citação:

as histórias de Elzira, Maria e Celina obtiveram uma considerável repercussão em finais do século XIX e início do XX. Conseguiram atingir uma, duas ou até mais dezenas de milhares de exemplares vendidos, quantia bastante significativa numa época em que editores do porte de B. L. Garnier e dos irmãos Laemmert imprimiam em média mil volumes de um mesmo título, temendo o acúmulo de livros encalhados em suas estantes. As tiragens de quinta, sexta e oitava edições citadas por Pedro Quaresma de *Elzira, a morta virgem*, de *Maria, a desgraçada* e de *Casamento e mortalha*, respectivamente, ultrapassaram, sem dúvida, os números seguidos por Garnier e pelos Laemmert, indicando um consumo peculiar para a época. Ademais, para além das cifras, é preciso lembrar que essas obras, antes e depois de chegarem às mãos do editor carioca, já haviam passado por outras livrarias e tipografias, o que também assinalava uma grande aceitação no interior de públicos diferenciados, ao longo de vários de anos.²²

Então, caro leitor, se explorarmos esses romances como sucesso de vendas da época contemporânea ao livro *Ernestina* teríamos material

que serviria para comparação entre o romance de França e as prosas sensacionais. Os romances sensacionais capturaram a atenção dos leitores da época e romperam com o imaginário de que a leitura no período oitocentista estava subordinada a textos ditos eruditos. As pessoas eram motivadas a ler pelo entretenimento e pela emoção dessas narrativas, pois leitores não eram somente aqueles interessados em instrução. Portanto, ter esse aspecto em mente, pode revelar a diversidade de interesses e preferências dos leitores oitocentistas e dos escritores da época interessados em serem lidos.

A leitura de *Ernestina*

Ernestina foi publicado no formato de romance por uma tipografia salesiana. O segundo trabalho da escritora, *Contos brasileiros: livro de Antonico*, foi aprovado pelo Ministério do Império para ser adotado no ensino primário, o que destaca a presença das obras de Gabriella de Jesus Ferreira França no contexto educacional. Portanto, é possível que a obra tenha sido lida nas escolas brasileiras do século XIX.

A presença da prosa ficcional de Gabriella de Jesus Ferreira França no contexto escolar, pode nos levar a deduzir que a leitura de instrução era a forma pela qual a obra da escritora era,

principalmente, lida no contexto oitocentista. No entanto, essa forma de leitura de instrução estava relacionada a livros técnicos e ao universo masculino, enquanto a leitura por entretenimento estava mais associada a universo feminino.²³ Vale ressaltar que as mulheres eram as principais leitoras de textos para crianças e nos contextos de socialização. Assim, as obras da escritora poderiam estar associadas a duas formas de leitura, dependendo do contexto, pois, embora supostamente não sejam técnicos, seus livros usualmente estavam voltados para a formação moral de crianças e mulheres, ao mesmo tempo que poderiam ser lidos para entretenimento. Essa tendência fica ainda mais evidente com a mudança de formato de *Ernestina*, passando do romance para o folhetim em 1898.

FOLHETIM (1)

ERNESTINA

ou

Scenas da vida contemporânea

POR UMA PLUMINENSE

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I

O baile

Nunca o baile esteve tão animado e brilhante! Os vastos salões, ornados de flores e deslumbrantemente iluminados, a custo podiam conter a multidão de senhoras ricamente trajadas, de jovens desfilando-se qual sylphides envoltas em setins e flores, de distintos cavalheiros e de elegantes moçoços, que todos lá porfia corream após o divertimento e prazer. Ea orchestra sem cessar fazia ouvir quadrilhas, valsas e polkas, que se repetiam rapidamente e quasi sem interrupção. E era um ruído de passos, um susuro de vozes, um somatillar de lazes e de brilhantes... Era meio de tudo isto, Ernestina notava-sella. Sim, era sem contestação alguma a rainha do baile, a mais bella e fer-desse magnifico javide.

Todos ao redor della, como que o reconheciam e lhe rendiam preto,

para ella as principaes honranças, os mais louçouros cumprimentos. E era na realidade bella; o colorido vivo da moçada brilhava em suas faces, uma suave alegria lhe sorria nos labios e em seus olhos negros, sombreados por longos cilios, lia-se a mais amavel candura. Era formosa sem arte, pois sempre desdenhara os fallos artísticos hoje infelizmente tanto em voga, que affecia a juventude e não conseguem encobrir o estrago dos annos. Tudo nella era natural e singelo. Nem uma só joia brilhava em seu vestuario de alva esconilha, apenas adornada com alguns botões de rosa, um dos quaes com o que desatrecava entre as bastas tranças de seus negros e seduzos cabellos. E todavia dir-se-hia que nenhuma a iguala! Era que em seu simples trajar respaldava a modestia e que a candida innocencia de sua alma derramava em toda a pessoa um encanto indefinivel e ao qual ninguém se podia subtrahir... Porque a modestia, a candura e a virtude são joias tão bellas, são flores tão fragrantes, que atrahem até aquelles que jamas as possuiram.

Todos a apreciavam.

Mas que digo? No meio do preto quasi universal, não lhe faltava, porém, quanto a sorriso longacase allure a invoca.

Eram essas, que longe della não conheciam rival, e que tanto prezava a nossa Ernestina. Poron a coisa metinha desconhecida a cunha da vaidade e toda se entregava a alegria do seu primeiro baile. Jul-

gando todos os conceitos pelo seu em tudo acreditava, em todos confiava!... Mas eis que de novo se lhe approxima um cavalheiro.

—Querer elle ainda uma quadrilha? He-lhe todas prometidas... Não! O que pedis foi uma valsa, e essa de certo ha de alcançá-la, pois ella ainda não valsou.

O moçoço mordou os labios, porém, retrou-se sem nada dizer. Mas aos olhos de Ernestina, soua uma voz feminina, que em ar occulto e cecejar lhe murmurou ao ouvido a palavra: —Affectada!

Leitores, não tendes visto em um aposento iluminado, apagar-se subitamente a luz, e tudo ficar sepultado em trevas? Assim aconteceu no espirito da nossa Ernestina!

Affectada! Ah! A moça olhou ao redor de si! Ella affectada! E porquê? Sómente porque recusou tomar parte em um passatempo que reputava a sua delicadeza?

Como por encanto toda a sua alegria desvanecou-se a scena para ella mudou de aspecto, tudo lhe pareceu montra, aborrecimento e tedio, e ao longe lhe vieram á mente as palavras que lhe dissera sua mãe, a respeito do vacuo e falsidade dos prazeres do mundo! O rosto da noite custou-lhe a passar, anhelava voltar a casa.

Esse incidente não passou desapercibido.

Um cavalheiro que a presenciara e que contemplava com interesse a joven no momento em que recusava a valsa, dirigindo-se ao amigo com

quem conversava, lhe perguntou: —Conheces essa menina? —Muito bem! Chama-se Ernestina, e é filha do commendador Analyde. E na realidade mui formosa. —Sim, e bem formosa, mas acho-a ainda mais interessante por um outro dote muito apreciavel, mesmo porque se vai formando nesta epocha vez mais raro, continuou o primeiro interlocutor com ar pensativo. —Quem vier que encontre a seu ideal? lhe respondeu o outro sorrindo.

Mas a noite ja ha muito adiantada e pouco a pouco as salas se envasaram. —Quer ir para casa, Timoteo? Perguntou a Ernestina um moçoço que se lhe approxima. Meu pai lhe manda perguntar.

—Vamos, respondeu a moça. Dahi a alguns momentos chegavam a casa.

CAPITULO II

A noite

Ernestina tendo-se retirado para o seu quarto deixou-se cair em uma cadeira de balanço.

—Enfim, sim! Sim! não se deita perguntou lhe a criada.

—Accende a lamparina e deixa-me, respondeu a moça.

A criada obedeceu e retirou-se.

—Ernestina encostou o rosto na mão e permaneceu immovel.

—Soua longos, cabalheiro... não vindo despedirem e moldaravam-lhe o rosto e cahiam até ao chão.

(Continúa)

Trata-se do primeiro folhetim publicado em jornal de Ernestina ou cenas de vida contemporânea. Nele, consta o primeiro capítulo e o início do segundo capítulo do romance.²⁴

Com a imagem acima, ilustram-se alguns dos limites impostos pela publicação seriada à leitura. Um limite evidente foi a fragmentação dos capítulos, uma vez que o segundo capítulo encontrava-se incompleto nessa edição do jornal. Assim, o leitor teria que aguardar pelas próximas edições para compreender a história completa da obra. No caso de *Ernestina*, os limites foram ainda mais profundos, pois foge à prática comum de publicar um ou mais capítulos inteiros em cada edição. Isso interrompeu o ritmo de leitura, pois a continuidade dos eventos e o desenvolvimento da narrativa ficavam sujeitos às edições subseqüentes do periódico. Além disso, o leitor também se deparava com outros tipos de informações próprias do jornal, o que causava oscilações no fluxo de leitura entre ficção e não ficção.

Uma hipótese que tenho sobre essa mudança de suporte dos romances da escritora é que ela tinha a intenção de combater os romances sensacionais que surgiram no final do século XIX e tiveram grande sucesso nos periódicos nacionais. Esses romances exploravam assuntos polêmicos, de cunho revolucionário, como divórcio, independência financeira da mulher, homoafetividade e escravidão, como foi exposto anteriormente.

É importante lembrar que esse período foi marcado pela transição do Brasil Império

para a República Velha, assim como pela abolição da escravatura e pela libertação dos escravizados africanos, que constituíam a maioria da população nacional na época. Ou seja, foi um cenário em que as camadas mais conservadoras da sociedade reagiram a essas mudanças, tornando-se, na minha opinião, um cenário literário mais combativo e de disputas ideológicas do que é normalmente retratado nas histórias literárias.

Por fim, no período oitocentista, a leitura não era entendida como um simples ato cotidiano de pequena relevância social, como pode parecer aos leitores de hoje. Os escritores tinham consciência dessa dimensão social da leitura, tanto no sentido econômico — ter leitores significava ter demanda por publicação em periódicos e livros, o que, por sua vez, resultava em remuneração e reconhecimento — quanto propriamente literário, pois os romances, poesias e peças teatrais eram vistos como elementos capazes de contribuir para a concepção da nacionalidade brasileira.

Um pedido em notas

Durante a escrita desta introdução, busquei apresentar os caminhos que levaram à confecção desta edição. Para isso, expliquei a motivação para o desenvolvimento deste livro, expus alguns fragmentos do passado sobre a vida e

obra de Gabriella de Jesus Ferreira França, discuti o papel ativo dos anúncios na divulgação e na construção de um público-leitor, busquei desmitificar o imaginário de que a escrita no período oitocentista estava ligada apenas à genialidade do autor, mas que também havia uma preocupação econômica e com o estatuto da profissão. Em seguida, mostrei alguns romances que não constam nas histórias literárias tradicionais, mas que tiveram grande sucesso no período em que *Ernestina* circulou. E, para chegar a esse ponto, ou seja, à sua experiência de leitura, expliquei as formas pelas quais o romance pode ter sido lido no passado.

Em alguns momentos do texto, foram destacadas hipóteses que surgiram durante a pesquisa para realização desta edição. Esse é um diferencial na história da confecção deste livro, pois houve pesquisa, discussões, frustrações, limitações e, o mais importante, a vontade de fazer algo diferente, de abrir caminhos e mostrar o quanto nossa área é importante para o crescimento da humanidade, para a evolução da história das mentalidades e para a própria ressignificação da memória da sociedade brasileira. E, caso não tenha ficado claro para quem este livro é dedicado, digo que é para você, leitor, aluno ou professor de graduação, de pós-graduação, interessado no poder da linguagem, da leitura e, mais especificamente, do texto literário.

Portanto, entendo este trabalho como uma chave que abre diversas outras portas, instigando o interesse pela produção literária de Gabriella de Jesus França e por sua biografia (que permanece desconhecida, em grande medida), além de poder ser o ponto de partida para pesquisas voltadas à educação, já que ela esteve ligada à instrução brasileira no século XIX. Resta explicar algumas decisões editoriais.

Trata-se de uma edição anotada de um folhetim publicado quase diariamente entre 25 de julho de 1898 e 06 de setembro de 1898, totalizando 29 edições do jornal *Cidade do Salvador* (BA). Como não tivemos acesso a um exemplar da edição impressa do romance, não é possível verificar se alterações foram feitas na mudança de suporte, de livro para folhetim.

As alterações feitas estão relacionadas à padronização do uso de itálico para termos estrangeiros; aos usos de “H” e “Y” atualizados de acordo com o acordo ortográfico vigente, exceto no nome de personagens; trechos repetidos na íntegra foram excluídos; foi padronizado o uso de aspas em citações de língua estrangeira; o uso de letras maiúsculas foi adequado ao acordo ortográfico vigente, assim como a grafia de “S” e “Z”, das conjunções, do uso de “mal” ou “mau” e do emprego de diminutivos.

Escolhi manter os usos empregados no original da crase, dos “porquês”, da colocação

pronominal, vírgula, ponto-vírgula, travessão, reticências, interrogação, hífen e exclamação, pois são tópicos de amplo interesse da linguística textual contemporânea. Além disso, não foram corrigidas inadequações de concordância verbal e nominal, especialmente em verbos com sentido de existência, assim, este livro é também um registro de fenômenos linguísticos do período oitocentista, que podem ser objeto de estudo para linguística histórica.

Tome este livro como um convite, uma chave, um fragmento, uma vontade de que inspire futuras pesquisas. Talvez você tenha chegado até aqui esperando uma análise da narrativa ou uma interpretação da obra. Eu já tenho a minha. Qual é a sua?

Boa leitura!